



SINDICATO DOS PROFISSIONAIS DE DANÇA

SINDICATO DOS PROFISSIONAIS DE DANÇA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Av. Presidente Vargas, 583 B Salas 2206 e 2207 - Centro | Tel/Fax: 2531-7541 | 2224-5913

CEP: 20071-003 - Rio de Janeiro - RJ | [www.spdrj.com.br](http://www.spdrj.com.br) | [sindicato@spdrj.com.br](mailto:sindicato@spdrj.com.br)

CNPJ: 27.287.614/0001-52

# **Sindicato dos Profissionais de Dança do Estado do Rio de Janeiro**

**Apostila de conteúdo e referências  
Para a Prova Teórica de Danças Gerais  
das Escolas de Samba do Carnaval Carioca**



SINDICATO DOS PROFISSIONAIS DE DANÇA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO  
Av. Presidente Vargas, 583 B Salas 2206 e 2207 - Centro | Tel/Fax: 2531-7541 | 2224-5913  
CEP: 20071-003 - Rio de Janeiro - RJ | www.spdrj.com.br | sindicato @spdrj.com.br  
CNPJ: 27.287.614/0001-52

## PREFÁCIO

A Escola de Samba atesta a grandeza e beleza da arte popular das comunidades negras das bordas da cidade do Rio de Janeiro. Quem sabe compor, compõe; quem sabe cantar, canta; quem sabe tocar, toca, e quem sabe dançar, dança. Um impulso emotivo, uma vocação para o ziriguidum, mais forte que o próprio querer. Uma forma de reconstruir um mundo esfacelado pela intolerância, que separava, trocava nomes, dividia amores. Através do ritmo, no gingado, a síncope de uma esperança de fazer da roda, a utopia de felicidade e de expressão dos dons artísticos daquela gente bamba.

A negritude que toca, faz pulsar os corpos, transforma em danças variadas o som da bateria ,que toma-lhes o corpo. Dançar o samba é reconstruir em si as lições africanas de força e união do grupo, que torna-nos fortes. Dançar o samba é Ubuntu, suor coletivo de satisfação por exercer um balanço que honra o ritmo que é a cara do povo do Brasil.

Muito nos orgulha chegar com as “Danças do Carnaval” até o respeitado e tradicional Sindicato dos Profissionais da Dança do Estado do Rio de Janeiro. É uma conquista no caminho da visibilidade e respeito, sempre tão desejado. Uma Dança-Arte num universo do batuque:

- **Dança de Baianas;**  
Que trata sobre a dança das Mães Baianas das escolas de samba do carnaval carioca.
- **Dança de Mestre Sala e Porta Bandeira;**  
Que trata sobre a dança dos casais de Mestre-Sala e Porta-bandeiras das escolas de samba do carnaval carioca.
- **Dança de Passista;**  
Que trata sobre as Danças de Passistas masculinos e femininos das escolas de samba do carnaval carioca.
- **Danças Gerais do Carnaval**

Que trata sobre outras danças que acontecem dentro do desfile das escolas de samba do carnaval carioca, mas que não se encaixam nas três acima, como danças coreografadas de Alegorias, Alas de Passo Marcado, Guardiões do Casal, etc.

Estas são as modalidades que o Sindicato disponibiliza para o reconhecimento dos Sambistas Dançarinos. Um justo reconhecimento que os credencia a muitas viagens.

Nós, do Colegiado instalador das Danças do Carnaval, aplaudimos a iniciativa e saudamos a sindicalização desses artistas, que agora podem dar a sua “carteirada” de profissionais da Dança.

José Carlos Machine

Célia Domingues

Manoel Dionísio

Milton Cunha

Bruno Tetê

Luciana Tetê

Esta apostila foi editada e revisada por Thiago Acacio de Almeida, com a inestimável ajuda de Aydano André Motta, Aloy Jupiara, Felipe Ferreira, Madson Oliveira, Samuel Abrantes, Fred Goes e Leonardo Bruno.



SINDICATO DOS PROFISSIONAIS DE DANÇA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO  
Av. Presidente Vargas, 583 B Salas 2206 e 2207 - Centro | Tel/Fax: 2531-7541 | 2224-5913  
CEP: 20071-003 - Rio de Janeiro - RJ | www.spdrj.com.br | sindicato @spdrj.com.br  
CNPJ: 27.287.614/0001-52

## **MATERIAL TEÓRICO PARA PROVA DE OBTENÇÃO DE REGISTRO PROFISSIONAL**

**Modalidade: Danças Gerais do Carnaval Carioca**

**Comissão Artística: Leandro Azevedo, Habderson Big, Rita Souza e Tony Tara.**

### **1. O Carnaval**

Da festa agrária do Egito antigo, passando pela celebração a Dionísio na Grécia, a Baco em Roma, pelos bailes de rua da Veneza renascentista e pela coroação dos Rei e Rainha do Congo no século 18, a festa da carne ganhou novo contexto no Rio de Janeiro do século 20, com a popularização das escolas de samba.

Festa universal com origem nos rituais agrários primitivos, o carnaval reuniu em um único conceito brincadeiras e fenômenos sociais de origens diversas, que ocorriam em datas distintas, mas mantinham características em comum.

Para o historiador Hiram Araújo, o carnaval é a válvula de escape que libera as tensões sociais e permite a convivência nas sociedades divididas por classes. Nas festas dionisíacas da Grécia, celebrava-se a primavera com procissão e concurso de beberrões. Já nas saturnálias romanas, os tribunais e escolas ficavam fechados e os escravos podiam dizer verdades a seus senhores e ridicularizá-los, além de sair às ruas para cantar e se divertir sem ordem nenhuma.

A Igreja Católica oficializou o carnaval no ano de 590 d.C como momento festivo para anteceder o período de privações da quaresma. A festa tomou formas mais parecidas com as atuais no período Renascentista do início do século 17 e chegou ao Brasil com os primeiros bailes nos anos 1840. A organização das primeiras sociedades carnavalescas ocorreu a partir de 1855.

Os blocos e cordões que surgiram reuniam elementos de batuques do candomblé e cortejos religiosos como o da Senhora do Rosário e o dos afoxés.

Em seguida, foi a vez do surgimento dos ranchos carnavalescos, no fim do século 19. Em 1909, é realizado o primeiro concurso de desfile de ranchos, organizado pelo *Jornal do Brasil*.

Na competição, era obrigatório o desenvolvimento de um tema com abre-alas, comissão de frente, alegorias, mestre de canto, mestre-sala e porta-estandarte e orquestra, com coreografias rígidas.

As bases das escolas de samba surgiram nos anos 1920 com os sambistas do Estácio, entre eles Ismael Silva, que organizaram a escola Deixa Falar e o primeiro concurso de sambas, em 1929, que contou com a participação da Mangueira. O vencedor foi o Conjunto Oswaldo Cruz.

Segundo o historiador Luiz Antonio Simas, coautor do livro *Pra Tudo Começar na Quinta-Feira – o enredo dos enredos*, o surgimento das escolas coincide com a luta dos negros por aceitação na sociedade urbana, ao mesmo tempo em que o Estado tentava disciplinar as manifestações culturais dos descendentes de pessoas escravizadas. As escolas de samba aparecem, nesse contexto, como uma solução negociada para o conflito.

“Ali há uma instância de negociação com o Estado para quem é interessante, pelo menos, disciplinar as manifestações das camadas populares, sobretudo aquelas de descendentes de escravos. E para os sambistas, evidentemente, era importante buscar uma legitimação. Então, desse encontro entre o Estado que quer disciplinar e certos segmentos da população que querem legitimar suas manifestações é que surgem as escolas de samba”, argumenta Simas.

As escolas de samba eram consideradas variações dos blocos até o jornal *Mundo Esportivo*, de Mário Filho, promover, em 1932, o primeiro desfile das agremiações, na Praça 11, no qual participaram 19 grupos. O concurso estabeleceu alguns critérios de julgamento e elementos mínimos para o desfile, como a Ala das Baianas, o samba inédito, ter mais de cem componentes e não utilizar instrumentos de sopro. A vencedora foi a Estação Primeira de Mangueira.

Na década de 30, a Ala das Baianas era formada por homens que desfilavam nas laterais e levavam navalhas para defender a agremiação em caso de brigas. Ela foi criada em homenagem às “tias baianas”, que abrigavam os sambistas em suas casas na época em que esse gênero musical era marginalizado, bem como para lembrar as raízes africanas do samba.

No começo das escolas, não havia uma ligação entre a música, o enredo e o desfile. Foi apenas em 1939 que a Portela apresentou o enredo Teste ao Samba, no qual o visual da escola e a dramatização na avenida dialogavam com o enredo e a letra do samba.

Simas explica que, nessa época, as próprias escolas decidiram apresentar apenas temas nacionais, o que foi aproveitado pelos governantes para exaltar a pátria. O ápice da exaltação ufanista ocorreu em 1946, após a participação brasileira na Segunda Guerra Mundial. Também

na década de 40 houve a tentativa de usar os enredos didaticamente para “livrar o povo das ideias africanistas”. “Havia a obrigatoriedade, inclusive de enredos de cunho nacionalista, na construção de uma certa ideia de identidade nacional”, diz o historiador.

Para ele, a mestiçagem do país, que era vista como marca degeneradora da nacionalidade, passou a ser definidora da identidade com a legitimação das manifestações afro-brasileiras ocorrida na Era Vargas. Mas Simas ressalta que, desde aquela época, a ideia era tirar o aspecto de conflitos raciais. “A Era Vargas começa a fazer isso, a ideia era construir uma identidade mestiça abrandando as tensões raciais, varrendo isso para debaixo do tapete”, afirma.

Até a década de 60, Simas lembra que as escolas eram formadas, em sua maioria, por pessoas negras que cantavam a “história branca”. “As escolas de sambas eram essencialmente negras na sua origem, mas os enredos não eram, porque contavam a história oficial. A temática negra começa a entrar nas escolas de samba especialmente a partir da virada para os anos 60, quando a África estava sendo discutida, o processo de descolonização afro-asiática”.

Foi também a partir dos anos 60 que começou a espetacularização dos desfiles, com a incorporação das escolas por segmentos de fora das comunidades de origem e a aproximação das classes médias urbanas. Além disso, a popularidade cresce com os primeiros registros fonográficos em disco que continham todos os sambas do ano e a transmissão televisiva. O historiador considera que as escolas de samba são um grande sucesso da organização das comunidades, mas atualmente as origens festivas se perderam.

“Hoje, na verdade, você tem a onda dos enredos patrocinados, as escolas de samba que vendem, negociam seus enredos com marcas, que é uma questão polêmica, até porque essas marcas percebiam que as escolas de samba podem ser veículos de propaganda poderosos. A questão da escola de samba como uma estrutura comunitária está em xeque. Isso se perdeu e está muito comprometido”.

Apesar de o carnaval na Sapucaí movimentar o turismo no Rio de Janeiro e milhões de reais durante todo o ano, Simas questiona o real valor cultural que “o maior espetáculo da terra” representa atualmente. “A questão é a gente entender que cultura e evento, às vezes, não são sinônimos. A escola de samba hoje faz um grande evento, mas a discussão é se esse grande evento ainda se preserva dinamicamente como uma força cultural. Preserva em alguma instância, mas, sem dúvida alguma, é um momento de reflexão, as agremiações estão em xeque de certa maneira.

## 2. As Escolas de Samba

Históricamente e socialmente falando, as Escolas de Samba são o último e mais recente produto das transformações das manifestações culturais do carnaval do Rio de Janeiro aliada ao surgimento do Samba moderno. As escolas têm como marco histórico de surgimento o ano de 1928.

Na segunda metade do século 19, existiam no Rio de Janeiro as chamadas Grandes Sociedades Carnavalescas ou clubes sociais que promoviam festas diversas, e na época de carnaval, antes do aparecimento das escolas de samba, organizavam cortejos carnavalescos, ou desfiles pelas ruas do Rio com uso alegorias, e geralmente fazendo sátiras ao governo.

Estas antigas "sociedades" ou clubes que participavam dos cortejos ou desfiles competiam entre si, e na época eram a atração predominante do antigo carnaval carioca. Entretanto os membros das grandes sociedades eram compostos pela elite da cidade.

Existiram também os antigos Cordões Carnavalescos, assim como os Ranchos, cujos participantes vinham das camadas populares.

Estas tradições e manifestações que um dia foram a principal atração do carnaval carioca desapareceram, tendo as Escolas de Samba ocupado seu lugar.

As Escolas de Samba em sua forma mais popular surgiram posteriormente, enquanto as antigas "grandes sociedades" desapareciam. Entretanto, ainda existe o Clube Democráticos, talvez o último dos remanescentes das antigas sociedades do século 19, que hoje em sua sede organiza bailes e noites dançantes durante todo o ano. Este club ou antiga "sociedade" hoje é mais conhecido como clube e local popular de dança de salão e dança de gafieira no Rio de Janeiro.

Entretanto, estas alegorias móveis sobre rodas já estiveram presentes em festejos comemorativos com cortejos acontecidos até mesmo antes da vinda da Corte Portuguesa para o Brasil. Nas ilustrações acima, os desenhos do carros alegóricos que desfilaram no Passeio Público em 1876 nas comemorações e festejos do casamento de D. João VI e Dona Carlota Joaquina.

## 3. Origens e história das Escolas de Samba

Historiadores do carnaval tomam como base de surgimento das Escolas de Samba a fundação da "Deixa Falar" no ano de 1928, fundada por Sambistas do Estácio, entre eles Ismael Silva.

A idéia era criar um bloco de carnaval diferente, que dançasse e evoluísse ao som de Samba, diferentemente dos Ranchos que dançavam e evoluíam ao som das marchas-rancho que usavam também instrumentos de sopro e metal e tinham um ritmo mais pausado e diferente. As Escolas de Samba não usavam instrumentos de sopro.

Nesta época, ainda no ano de 1929 foi organizado o primeiro concurso de Samba na casa de um jornalista sambista e também fundador da Mangueira ou Estação Primeira de Mangueira.

Em 1932 o jornalista Mario Filho, proprietário de um jornal chamado Mundo Sportivo organizou e patrocinou o primeiro desfile de escolas de Samba na Praça Onze. Na verdade este jornal tinha entre seus quadros de redação compositores famosos como Armando Reis, António Nassara e Orestes Barbosa. Certamente a redação do jornal gostava de uma batucada além de futebol. E viram nesta empreitada uma forma de promover o jornal que havia sido inaugurado no ano anterior.

Para quem não sabe, o nome oficial do Estádio do Maracanã é Estádio Mário Filho em homenagem a este jornalista que faleceu pouco antes de sua inauguração. Outro fato curioso é que, Nelson Rodrigues, também escritor, autor de peças de teatro e também jornalista era irmão de Mario Filho.

Neste primeiro concurso, 19 escolas competiram. Para o concurso existia pré-requisitos como ter mais de 100 participantes em suas fileiras, ter samba inédito, não utilizar instrumentos de sopro, e ter ala de baianas entre outros requisitos.

O vencedor do primeiro concurso foi a Estação Primeira de Mangueira, ficando em segundo lugar a Portela, que na época chamava-se Osvaldo Cruz.

O concurso foi um sucesso e foi também oficializado, continuando a ser realizado na Praça Onze até o ano de 1941.

Com o decorrer dos anos, as Escolas de Samba passaram a incorporar muitos elementos e aspectos dos Ranchos, como criação de um enredo para o desfile, apresentação de um casal de Mestre Sala e Porta Bandeira.

Principais diferenças entre Ranchos Carnavalescos e Escolas de Samba



Entre as principais diferenças entre as Escolas de Samba e Ranchos Carnavalescos, pode-se enumerar as que se seguem.

Quanto ao tipo de música, as escolas de samba surgiram junto com o samba moderno e adotavam e adotam este tipo de música enquanto os ranchos adotavam as marchas rancho. Exemplos de marcha rancho seriam o "Abre Alas", composição de de Chiquinha Gonzaga e Bandeira Branca, imortalizada por Dalva de Oliveira. Um exemplo bem genuíno seria a marcha rancho do carnaval da década 1910 do rancho Ameno Resedá.

Quanto ao conjunto de música e instrumentos, as escolas de samba utilizavam-se apenas de percussão, sem a utilização de instrumentos de sopro (era proibido pelo regulamento), enquanto as marchas rancho utilizavam uma gama de instrumentos bem mais abrangentes.

Se com as escolas de samba existiu uma valorização da chamada cultura primitiva e popular, esta valorização reduziu o interesse dos músicos populares no sentido de aprenderem a tocar instrumentos que exigiam algum estudo ou erudição, como os instrumentos de sopro e metais. Valorizou-se a cultura popular e o ato de fazer e executar música (samba moderno) sem a necessidade de conhecimento musical, já que com um pandeiro, surdo, instrumentos de percussão e voz é possível fazer e tocar um samba. Mas perdeu-se quanto ao interesse por uma música e sonoridade que abrangesse uma gama maior de instrumentos.

Quanto ao tipo de desfile ou cortejo, os participantes das escolas de samba desfilavam sambando, e a ala das baianas também eram uma de suas características iniciais. Com o tempo, as escolas de samba foram agregando e algumas características dos ranchos.

Os ranchos já usavam as figuras de Rei e Rainha e possuíam estandarte e porta bandeira, assim como comissão de frente. O ranchos possuíam mestre de harmonia, canto e sala (coreografia). Se pensados em termos de linguagem simbólica das escolas de samba, essas figuras seriam o Mestre Sala e Porta Bandeira. As pastorinhas dos ranchos talvez seja o equivalente à ala das baianas da escolas de samba.

Em 1934 foi fundada a União Geral das Escolas de Samba, e a importância de seus desfiles começou a crescer no cenário do carnaval do Rio de Janeiro, superando os Ranchos e as Sociedades Carnavalescas, até que estas se extinguissem.

#### **4. Comissão de Frente**

Todo desfile começa com a performance da Comissão de Frente. A ala é composta por entre 10 e 15 bailarinos ou membros da escola, que são os responsáveis por apresentar a agremiação aos espectadores e aos jurados.

A comissão de frente é um quesito apresentado pelas escolas de samba, onde se apresentam dando boas vindas ao público bem como aos jurados, é formada por dez a quinze pessoas, que demonstram o enredo da escola.

As comissões de frente mais antigas apresentavam os integrantes da direção da escola carregando bastões, como se estivessem armados para proteger a escola.

A Portela foi a primeira escola de samba a inovar nessas apresentações, levando para a passarela do samba os integrantes mais bem vestidos, com fraque e cartola, fazendo coreografias ritmadas com o samba.

Nos anos trinta algumas escolas tentaram inovar, colocando na comissão de frente carros alegóricos, o que foi criticado pelos jurados, que acreditavam que não havia necessidade para tanto.

Mas as grandes transformações das comissões de frente vieram depois que as escolas contrataram artistas plásticos e coreógrafos. A união das duas classes causou um verdadeiro escândalo, por tanta beleza nas apresentações.

Os trajes são ricos, de acordo com o enredo da escola, os integrantes ensaiam coreografias relacionadas à história apresentada. Muitas vezes, a comissão de frente é enriquecida com bailarinos profissionais, a fim de apresentar um desfile de maior qualidade.

De acordo com o regulamento, a Comissão de Frente deve ter no mínimo 10 e um máximo de 15 componentes. Os jurados consideram aspectos como criatividade, coordenação e sintonia na exibição, bem como o figurino e indumentária apresentada pelos integrantes da ala.

Sendo assim, a comissão de frente é julgada em dois subquesitos: a concepção da roupa e a apresentação, com sincronismo nos movimentos da coreografia. A apresentação na frente da cabine de jurados é obrigatória. Se, mesmo que por descuido, algum integrante cair ou perder um pedaço da fantasia, a escola acaba sendo penalizada.

O quesito foi regulamentado em 1938, mas as comissões de frente já existiam antes das escolas de samba, em agremiações conhecidas como Grandes Sociedades. Com missão de saudar o público e apresentar a escola, a Portela foi a primeira a apresentar a ala, formada por seus fundadores. Os portelenses, também, foram os que utilizaram a "velha guarda" por mais tempo na função, até 1993.

## **5. Alas Coreografadas**

No carnaval de 1963, o G.R.E.S. Acadêmico do Salgueiro, com enredo “Chica da Silva” de Fernando Pamplona, apresentou um momento inédito, com a primeira ala coreografada - e coreografada por uma mulher, a bailarina negra do Teatro Municipal, Mercedes Batista - com uma coreografia de um minueto. O desfile aconteceu ainda na candelária, onde as escolas desfilavam naquela década. De lá pra cá tivemos outros momentos que marcaram e que compõem a história das alas coreografadas. A atuação de Mercedes Batista como coreógrafa de ala do G.R.E.S. Acadêmicos do Salgueiro não teve continuidade.

Outro momento marcante, que até se perdurou por muitos anos, foi a Ala Sente o Drama, que era liderada pelo Sr. Careca. Ela era uma ala constante, que sempre vinha encerrando os desfiles nos carnavais do G.R.E.S. Império Serrano. Careca seguiu trabalhando na escola e também foi convidado por Joãosinho Trinta para fazer desfiles na G.R.E.S. Beija-flor de Nilópolis. Ele seguiu acumulando essas escolas como coreógrafo.

No início dos Anos 80 surgiu a Ala Sambart, coreografada por Jerônimo. A ala trazia vários bailarinos das casas de show da época, como Scala, Plataforma, Oba Oba. Trazia uma outra interpretação de coreografia, mais voltada pro balé, pro contemporâneo.

Bira Dance fez parte do desfile do G.R.E.S. Unidos de Vila Isabel em 1988, quando a escola trouxe o enredo Kizomba, com uma ala que trazia características do Sr. Careca, com uma ala que também encerrava o desfile. Bira já tinha atuado dois anos na escola como coreógrafo de alegorias.

Depois do meado da década de oitenta, veio a Ala coreografada do Salgueiro, que trazia um estilo afro, que era uma especialidade de seu coreógrafo, o Baiano. Ele dava aula no Sesc e sua ala teve forte presença, não só no salgueiro mas, no carnaval como um todo.

Na G.R.E.S. Unidos do Viradouro, Cláudia Barros, teve uma grande participação com a formação de duas Alas coreografadas. Ela é dona de uma academia de dança e sempre teve forte ligação com a dança.